

As trajetórias escolares de professoras negras em São Paulo: um estudo sobre a construção de identidades profissional e étnica.

*Arlete dos Santos Oliveira*¹,
Contato: arletesoliveira@terra.com.br

*Prof^a Dr^a Dislane Zerbinatti Moraes*²
Contato: dzmoares@usp.br

Resumo

Neste trabalho, o centro de interesse são as histórias de vida de professoras negras de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo. Para tanto, realizamos comparações entre as entrevistas com o intuito de descobrir como essas mulheres reconstróem sua identidade; buscando compreender as formas de inserção no campo educacional, os relacionamentos que estabeleceram com a cultura escolar, sempre trazendo presente as relações no ambiente escolar, na família, colegas de classe, professores e seu modo de ver as mudanças ocorridas em suas vidas e na sociedade.

Palavras chaves – Gênero, Educação, Professoras negras.

Abstract

In this search, the concern center is the life time histories of negress childish teachers of São Paulo's teaching net. For that, we realized comparisons in the interviews with the objective to discover how this women reconstitute their identity; searchi0ng to understand the introductions forms at the teaching camp, the relations hips they established whit the education culture, always bringing the relationships in the teaching environment, in the family, classes friends, teachears and their way to see the changes in their lifes and in the society.

Key words: Gender, Education, Teachers Negress.

¹ Licenciada em História, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP, na linha de pesquisa História da Educação e Historiografia.

² Doutora em Letras – Literatura Brasileira (FFLCH-USP). Professora de Metodologia do Ensino de História no curso de Licenciatura da FEUSP e de História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP; linha de pesquisa, História da Educação e Historiografia.

Introdução

Este trabalho interpreta dois aspectos das histórias de vida de quatro professoras negras de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, os quais são entendidos aqui como categorias de análise: “Origem social e relações familiares” e “Experiências Escolares”. As entrevistas foram realizadas ao longo dos anos de 2006 e 2007, com as alunas que freqüentam o PEC - Programa de Educação Continuada – Formação Universitária no Município de São Paulo. Este programa se destina aos professores que têm apenas a titulação em nível médio no Magistério.

Nas duas categorias selecionadas foi possível identificar vários marcadores que evidenciam os mecanismos de sobrevivência da família e das depoentes, como por exemplo: a aquisição da casa própria, o aumento da jornada de trabalho por parte das mães das depoentes; ausência dos provedores; violência doméstica; falta de escolaridade dos provedores; momentos de lazer; privações alimentícias; castigos aplicados pelos professores nas séries iniciais; a entrada no mercado de trabalho precocemente e o desejo de se tornar professora. Apesar de excluídas pelos poderes formais, - e em meio às desigualdades, à pobreza e à violência doméstica -, elas lutaram incessantemente contra o reduzido campo de participação que encontraram, por meio de arranjos afetivos e formas diferenciadas de sobrevivência. Do ponto de vista da historiografia, foi possível percebermos a importância de recuperar a história dessas mulheres, desmistificando os papéis e estereótipos atribuídos a elas.

As duas categorias analisadas colocam em evidência sonhos, desejos, relações de poder, relações entre homens e mulheres, relações mulheres com mulheres e ajudam a dar visibilidade à vida sociocultural destas mulheres, ou seja, aspectos que identificam o grupo como organização social. O universo das questões que permeia o contexto da experiência dessas mulheres não se encerra aqui, mas é por meio dele que podemos conhecer suas experiências de vida, refletir sobre o seu cotidiano e as relações que estabelecem entre si, com o seu grupo e com o seu passado procurando compreender o significado cultural da experiência dessas mulheres negras na dinâmica da sociedade.

Referencial Teórico - Metodologia

Para desenvolver um estudo científico, é necessário estabelecer metas e traçar um caminho a ser seguido. Desta forma, utilizaremos como referencial teórico para entendermos como se dá a produção de identidade das professoras as contribuições dos sociólogos Manuel Castells e Pierre Bourdieu.

No que tange às mulheres negras e professoras em estudo, abordaremos os elementos mais significativos no processo de construção da identidade: a história, a memória coletiva, as estruturas social e escolar e as relações de raça/etnia e de gênero (GOMES, 1995).

Manuel Castells nos apresenta três formas distintas de construção da identidade, as quais serão operacionalizadas na interpretação de nossos dados. 1- A “Identidade Legitimadora” seria aquela introduzida pelas instituições dominantes da sociedade como o Estado, igrejas, sistemas escolares oficiais, que desencadeiam do alto da hierarquia social um processo de expansão e racionalização de sua dominação em relação aos atores sociais envolvidos. 2 - A “Identidade de Resistência”, por sua vez, seria criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim, trincheiras de resistências e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. 3 - A “Identidade de Projeto” seria aquela em que os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, busca a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 2000, pp. 23-25).

O compromisso deste trabalho é com a escuta das narrativas das mulheres negras e professoras que construíram sua identidade individual a partir dos atributos da identidade de resistência de sua comunidade de origem. Esta é a nossa hipótese de interpretação das entrevistas que conforme a nossa leitura, até o presente momento, observou que a identidade da professora negra apóia-se e fortalece-se no resgate da memória individual e coletiva, por meio da narrativa e da escuta de suas histórias de vida. Essas narrativas incorporam os valores, por exemplo, educacionais da classe dominante e criam formas de sobrevivência, dentro dos limites estabelecidos pela estrutura social vigente. Elas, são sobreviventes com certa consciência, utiliza-se de múltiplas estratégias para eliminar a exclusão, procurando ainda, reverter os julgamentos e valores negativos atribuídos à sua raça/etnia.

Para a metodologia de análise das entrevistas foi fundamentada a leitura do quarto capítulo, “Dudas teóricas”, dos *Cuadernos Metodológicos - Auto/biografias* de Jesús Miguel. O autor considera que os relatos de vida podem ser vistos como *espelhos* e *janelas*. *Janelas* porque permitem contemplar o mundo real e conhecer melhor a realidade em que vivemos a partir de experiências coletivas de uma classe social ou de um determinado grupo. Nessa vertente, é um método de exploração do indivíduo, e, ao mesmo tempo, o estudo dos termos sociais que organizam o nosso pensamento e a forma como vemos o mundo. *Espelho*, porque apresenta aspectos da subjetividade, difíceis de serem apreendidos por palavras e que trazem à tona relatos de conflitos, de poderes contrários de sentimentos, os quais podem ou não se referirem a realidade do depoente. Ou seja, é um retrato da pessoa que escreve sobre o que ocorre no seu íntimo, suas experiências de vida, tal qual ela é vivida e vista, por ela e pelos outros. As histórias de vida, obtidas pelo método da história oral, desvela “novas versões” da história, ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Sobretudo faz da história uma atividade mais democrática, em benefício da própria comunidade em que o depoente está inserido (MIGUEL, 1996).

Primeira categoria de análise - Origem social e relações familiares

A nossa primeira depoente é a Profa. Rosana Siqueira de Sousa³, descendente de paranaenses que vêm para a cidade de São Paulo em busca de novas oportunidades. Nos primeiros meses na Capital, antes de fixar residência, a família passa alguns meses em um cortiço e depois em albergue. Permanecem alguns anos em uma casa alugada até adquirirem a casa própria.

A mãe e a avó ficam adoentadas e recebem os cuidados necessários da família. Rosana entra no mercado de trabalho, para ajudar o pai nas despesas da casa. Com a morte da mãe, sua irmã mais velha que sempre cuidou da família sente dificuldade para recolocar-se no mercado de trabalho e, permanece em casa cuidando de todos. Enquanto a mãe estava viva, sempre proporcionava momentos de lazer à família. Rosana não casou, não teve filhos e mora com a família, se dedicando integralmente a ela.

³ Nesta pesquisa, os nomes atribuídos as depoentes são fictícios para preservarmos suas identidades.

Já nossa segunda depoente - Profa. Helena Gusmão Filho, também descendente de paranaenses, nasceu em São Paulo e como os irmãos foi criada pelas avós paterna e materna. Sua família era fruto da segunda união de seu pai. Ele nunca escondeu a existência da primeira esposa. A avó era rígida na educação. Sempre que possível levava a depoente e os irmãos para visitar os tios, os primos e os irmãos por parte de pai. As crianças gostavam muito da avó e respeitavam os motivos que a levaram a tratá-los em alguns momentos com certa indiferença.

A mãe conseguiu sair do aluguel ao comprar um terreno com suas economias construindo a sua casa própria; então, fixa residência com a família. Helena ganha de presente da mãe na sua adolescência a carteira de trabalho e vai trabalhar muito cedo como empregada doméstica. Mas, sempre expressou o desejo de se tornar professora. A depoente não ficou casada por muito tempo, e hoje mora na casa que a mãe construiu com os filhos.

Margarida Albuquerque é a nossa terceira depoente. De origem mineira é a primogênita de um casamento que se inicia em uma situação de violência doméstica. O pai era alcoólatra. Quando completou dezoito anos de idade, Margarida decide ir embora de casa. Não agüentava mais aquela situação de violência, uma vez que o pai não havia cumprido com a promessa que fez à família; ele continuou bebendo e agredindo a mãe e as filhas. A mãe, então, decide se separar definitivamente do marido. Divide o terreno com ele; assumiu as dívidas e continua trabalhando como empregada doméstica, para garantir o sustento e o bem-estar de sua família.

Margarida casou-se e teve uma vida muito difícil com o marido, que não lhe permitia trabalhar, nem estudar. Depois de sua separação passou a morar com os dois filhos e a neta em uma das casas construída pela mãe. Tem uma memória muito viva e detalhada do seu processo de “descoberta do mundo”.

Nossa última depoente é a Profa. Carlinda Soares Gouvêa, descendente de soteropolitanos, e também portadora de uma memória da infância marcada por dificuldades. Chegando a São Paulo os pais ocuparam um terreno particular e lá construíram sua pequena casa de madeira. Depois de alguns meses tiveram de desocupar o terreno a pedido da Prefeitura que, realizou um cadastro das famílias para o financiamento da casa própria. Após alguns anos, seu pai parou de pagar as prestações do imóvel. Carlinda e a mãe renegociaram a dívida com o banco. Seu pai sempre teve outros relacionamentos fora do casamento e o pouco que ganhava não lhe permitia suprir as necessidades da família. A mãe sempre trabalhou

como costureira e faxineira. Com quatorze anos nossa depoente ganha de presente da mãe a carteira profissional e, ingressa no mundo do trabalho na companhia da mãe. Hoje, mora com a mãe, é casada e tem duas filhas.

Segunda categoria de análise - Experiências escolares

Rosana gostava de ir à escola para ficar na companhia dos amigos. Nas séries iniciais (1ª a 4ª), achava que a professora não gostava dela e na entrevista não demonstrou nenhum afeto pela professora. Completou os estudos, mas não se considera uma estudante exemplar. Simplesmente, cumpria suas obrigações de aluna, procurando manter-se organizada em relação às tarefas escolares. Mantém alguns vínculos do período do ginásio, por meio de telefonemas, encontros e festas com os antigos colegas. Em suas memórias o período do ginásio parece ser o mais importante. É o momento em que teve mais aceitação social. As questões associadas ao preconceito étnico estão mais presentes em suas reflexões e no modo de organizar a sua trajetória.

No ano de 1988, prestou o concurso na Secretaria da Educação do Município de São Paulo, assumiu a função de pajem e, posteriormente, foi fazendo os diversos cursos que a própria Secretaria proporcionou. Com a mudança da legislação, frequentou o ADI Magistério e hoje faz o PEC - Formação Universitária.

Margarida, nas séries iniciais, sentiu dificuldade para se adaptar à escola, não conseguia concentrar-se nas aulas em razão da violência doméstica que sofria. Na primeira série, mesmo com o clima tenso em casa, conseguiu concluí-la com êxito. Mas infelizmente repetiu um ano a terceira série; a segunda série fez três vezes e com a mesma professora permaneceu dois anos. Sua mãe procurou incentivar a filha a permanecer na escola, uma vez que era analfabeta e sabia que seu esposo não desejava que suas filhas estudassem.

Não era uma criança que tinha muito amigos. A professora para ter sua atenção nos pequenos momentos de distração, jogava o apagador ou batia a régua na sua cabeça. Era também castigada, caso errasse os exercícios, permanecendo em pé até o final da aula. Lá recebeu o apelido de “Maria mijona” por ter feito “xixi” na calça e seus colegas de classe tinham o hábito de cantar a música “negrinha fedorenta” para constrangê-la. Ela só consegue

terminar os estudos em uma escola particular depois que a mãe separa-se definitivamente do pai.

Após se tornar Pajem na Prefeitura de São Paulo, percebe que sua visão de mundo restringia-se aos assuntos relacionados aos afazeres da casa, consciente que é necessário continuar os estudos, Margarida decide voltar à escola. Conclui o Magistério e inicia o curso de graduação na área da educação incentivada pelos familiares. Hoje, se sente mais feliz e percebe que a educação apresentou-lhe novas formas de se relacionar com mundo.

Helena, em seu primeiro dia de aula, sente-se muito importante com sua saia de prega, sapatinho colegial e meia branca. Aprendeu ler e a escrever muito rápido. Adorava ir à lousa resolver o exercício solicitado pela professora, sentia-se feliz em ser escolhida. Ainda nas séries iniciais recorda-se de uma professora que procurava estimular os alunos nas tarefas escolares. Helena acaba se destacando por causa do estímulo recebido. Recorda da mesma com carinho e acredita que as palavras de incentivo recebidas ajudaram-na a concluir o ensino básico com sucesso.

A punição era uma prática comum que se estendeu ao ginásio, momento em que a depoente recorda-se que chegou a levar “livrada” na cabeça. Ela não consegue dar continuidade aos estudos, passa no exame de admissão, inicia o ano letivo, mas é obrigada a trabalhar e não consegue realizar o sonho de se tornar professora. Após alguns anos de trabalho passa no concurso público e ingressa na Prefeitura de São Paulo exercendo a função de pajem. Volta aos estudos, conclui o Magistério e inicia o curso universitário. A narrativa da professora se distingue pela sua consciência de ser um sujeito da história e parece ter conhecimento da história da profissão e da educação. O relato da Helena revela um maior compromisso com a Educação:

Eu vou ser sincera eu me sinto assim, nossa, privilegiada sim, de estar fazendo parte de uma história, porque nós estamos fazendo parte de uma história. Não vamos estar aí para ver as mudanças dos CEIs como aconteceu com os jardins da infância, porque é uma longa.....devagar..... é a longo prazo! Precisa de muita paciência e nós que já estamos aí com vinte e cinco anos de profissão não vamos ver a mudança, mas nós estamos vendo, assim, o pontapé inicial. Estamos vendo os novos professores do século XXI que entraram no CEI. (Helena)

Carlinda filha de pai e mãe analfabetos, sempre ouviu de sua mãe que a escola possibilitaria a tão sonhada ascensão social. Inicia o primeiro ano das séries iniciais em uma escola onde as salas de aula não eram mistas e, recorda-se com carinho de sua professora. Na segunda série, foi matriculada em uma escola perto de sua casa. Carlinda tem dificuldade de resgatar suas lembranças da infância na escola. Concluiu o ensino básico e o ensino fundamental e não deu continuidade aos estudos quando era mais jovem, porque precisava trabalhar.

Ao ingressar na Prefeitura, como pajem, decide voltar a estudar. Não tinha, a princípio, intenção de se tornar professora. Dá continuidade aos estudos vivendo cada dia como se fosse o único, adaptando-se à nova realidade. Vai se familiarizando com o conteúdo estudado e com o apoio da família irá concluir o curso universitário com sucesso.

Análise das histórias de vida

A partir das idéias apresentadas por Manuel Castells identificamos o tipo de identidade de resistência como uma referência fértil para se entender a construção de imagens de “si” efetuada por essas mulheres negras. Consideramos, ainda, que a atitude de resistência é importante na trajetória destas mulheres negras, uma vez que ela dá origem a outras formas de resistências no plano coletivo, diante das opressões sofridas pelas famílias.

Elas superam os desafios e obstáculos encontrados em sua relação familiar quando fixam residência em lugares extremamente precários, chegando a viver em cortiço; em albergues noturnos; na casa dos parentes mais próximos – avós, tios e os primos; casas de aluguel; ou mesmo, ocupação de terrenos particulares.

Então, sentem que suas vidas começam a melhorar, quando seus pais conseguem ingressar no mercado de trabalho adquirindo condições para a compra da casa própria, manutenção de bens de consumo, passeios culturais e, pequenas viagens, proporcionando uma melhora na qualidade de vida. Contudo, essa sensação de tranquilidade e conforto não dura por muito tempo. A figura paterna é lembrada com certo desconforto, nos relatos. Esses provedores começam a se ausentar das obrigações familiares, por vários motivos: a perda do emprego; relacionamentos fora do casamento; alcoolismo e violência doméstica. Eles, em

nenhum momento, se preocupam com as necessidades básicas, (moradia, alimentação, lazer, educação), de sua mulher e filhos.

No entanto, percebemos que o pai da depoente Carlinda, mesmo se ausentando das responsabilidades familiares tinha uma relação mais cuidadosa com os filhos, ajudando-os a construir uma imagem positiva de si mesmos, mas a maioria deles não favorece em nada a construção da identidade delas. “Meu pai cuidava muito bem da gente. Ele tinha um carinho muito grande, (...) esse...jeito dele de ter assim amante não mexia com a gente (...). Meu pai era um homem muito respeitador, e nós temos lembranças muito boas disso”. (Carlinda)

Em essência a figura paterna sobrecarrega suas esposas não só nas tarefas domésticas, mas também, obrigando-as a aumentarem sua jornada de trabalho para não perderem o que haviam conquistado.

A relação de gênero estabelecida, entre as depoentes, a figura paterna e o convívio com seus maridos evidenciam uma situação de submissão ao gênero masculino na nossa sociedade. Esse comportamento é reproduzido e legitimado quanto a liberdade de expressão, de ir e vir e de tomar decisões é cerceado diariamente. Isso é observado de várias maneiras, das quais podemos citar, por exemplo, o desejo da depoente de voltar a estudar que é, mais uma vez, adiado pela incompreensão de seus maridos.

O mundo esta ali, para eu ver coisas, para me mostrar coisas, aí eu fui falar com ele (o marido) que eu queria voltar a estudar, ele falou que era besteira, que não sei o que...,eu falei pronto, ele me ama ele esta com ciúmes, ele me ama, e não fui estudar.(Margarida)

Quando eu fiz dez anos de prefeitura, nasceu a minha segunda filha, quando ela tinha três anos eu desmamei e fui estudar,(...) e o meu marido começou a brigar comigo, aí, ele fez uma resistência, na hora que eu ia para a escola era a hora que ele chegava, só para me pirraçar, para eu não ir à escola. Quando eu ligava para casa a menina estava chorando e ele brigando porque eu estava estudando, aí eu peguei e parei. (Carlinda)

E o fato dessas jovens negras tornarem-se professoras é uma conquista em relação à sua trajetória, visto que, a obrigatoriedade do exercício dos serviços caseiros, a responsabilidade dos filhos delegada exclusivamente a mulher e a dificuldade do retorno à escola legitima o comportamento machista a que foram submetidas as depoentes.

Quanto às “experiências escolares”, estas estão marcadas por situações de constrangimento social. O sistema escolar acaba produzindo práticas de exclusão ao promoverem atitudes racistas e preconceituosas, por parte dos professores e colegas de classe, desestimulando a busca de conhecimentos por parte destas crianças. Suas famílias resistem, incentivando os filhos a permanecerem na escola, mesmo sofrendo com o tratamento a eles empregado. Para estas famílias a relação com a escola é muito importante. É por meio dela que seus filhos alcançaram as séries mais avançadas. É evidente o incentivo das famílias, quando as depoentes retornam à escola na busca de um diploma universitário.

Os mecanismos de exclusão são muito sutis e se expressam de diversas formas, sendo a mais recorrente, nas categorias analisadas, a influência que o “capital cultural” exerce no ambiente familiar. Ele aparece sob a forma de relação entre o nível cultural de maneira global destas famílias e o êxito escolar seus filhos. O fato de algumas crianças serem consideradas “boas alunas” pelos professores se deve, muitas vezes, ao capital cultural que trazem da família de origem. Essas crianças recebem vários estímulos e, conhecimentos diferenciados, em experiências extra-escolares. O capital cultural está associado ao capital social, à renda familiar e ao acesso a bens culturais, os quais posicionam as crianças em situação de vantagem em relação ao desempenho escolar (BOURDIEU, 2005).

A necessidade do ingresso precoce da mulher negra no mercado de trabalhar prejudica muito a sua formação, pois, o tempo que deveria ser dedicado ao estudo, é utilizado no trabalho e muitas vezes a qualidade do estudo no período noturno é inferior ao período matutino e vespertino. Logo o aproveitamento dessas jovens será prejudicado, sobretudo pelo desgaste e cansaço físico. A falta de tempo as impedia de ter uma dedicação maior em pesquisas na biblioteca ou realizando suas tarefas escolares. O interesse delas pelo conhecimento torna-se cada vez mais comprometido. O mercado de trabalho exige muito delas. Sentem-se mais tarde impotentes e sofrem quando acabam ocupando tarefas menos especializadas e com uma remuneração baixa (OLIVEIRA, 2001).

As depoentes indicam as dificuldades que enfrentaram e os modos de superação, que consistem em adquirir certa versatilidade e maleabilidade nas situações de conflito, ou “jogo de cintura”; principalmente para tratar o racismo, o preconceito e a discriminação presentes na escola e nas relações sociais mais amplas. Essa identidade de resistência pode ser exemplificada pelo depoimento de Carlinda:

Eu ganhava bem pouco quase o salário mínimo e hoje em dia eu ganho quase quatro salários mínimos, como negra principalmente no Brasil que é muito preconceituoso. Por eu ser negra e não ter aquele perfil como que se mostra a mídia eu me sinto realizada, eu estou muito realizada por estar com quarenta e nove anos, estudando, empregada. Olho para trás e imagino que talvez agora esteja vindo à recompensa, toda a vida eu trabalhei desde os quatorze anos e agora é que eu estou vendo o retorno de tudo que eu fiz. (Carlinda)

Podemos observar, ainda, que a discriminação exercida na escola pode ser considerada uma marca definitiva de formação dessas mulheres. Os primeiros julgamentos raciais distorcidos são introduzidos na mente das crianças em contato com o universo dos adultos. As lembranças estão marcadas por atitudes racistas e preconceituosas, por parte do corpo docente, da direção da escola, colegas de classe e muitas vezes por membros da própria família. Convivem, portanto, com imagens negativas de sua etnia e podemos dizer que o mal-estar relacionado à sua ascendência foi apreendido nas relações institucionais com as familiares, - em alguns casos-, em outros, com a vizinhança, na escola, - preferencialmente-, conforme a fala da depoente:

A professora pouco olhava para a gente. Os alunos cantavam aquela música da “neguinha fedorenta, bate a bunda no cimento, pra ganhar mil e quinhentos”, eu tinha que ficar quieta não podia me queixar se eu me queixava a professora não ligava ela não esquentava a cabeça com isso. (Margarida)

Concluimos que as mulheres (mães) destas famílias tiveram um papel determinante para que suas filhas se tornassem professoras da rede municipal paulista. Cotejamos nas entrevistas um exemplo, entre tantos, da importância da presença materna na vida destas professoras, até os dias atuais, apoiando-as no curso de formação continuada:

A minha mãe me deu um sacode, toda vez que eu chegava da escola a minha mãe estava me esperando, então isso me deixava muito contente, estou com mais de quarenta anos e vejo a minha mãe na janela me esperando todos os dias voltar da escola. (Carlinda)

Este processo acontece ao longo do tempo. A busca pela ascensão profissional, *status* social e uma melhoria na qualidade de trabalho e de vida nos faz compreender como funciona o campo do sistema de ensino que, segundo Pierre Bourdieu, é um espaço dinâmico onde os agentes estão sempre em luta por diferentes interesses. Aqueles que detêm maior capital cultural, social e econômico ocupam melhor *status* e têm melhor movimentação. Assim, observamos que nesse espaço vão se legitimar as desigualdades socioculturais que asseguram a reprodução do poder.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à cultura. In. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI Afrânio (orgs). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In. _____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher que vi de perto: o processo de construção racial de professoras negras*. Belo Horizonte, Mazda, 1995.

MIGUEL, Jesús M. de. Dudas teóricas. In. _____. *Auto/biografias. Cuadernos Metodológicos*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1996.

OLIVEIRA, Kuisam Regina de. *Dois histórias de autodeterminação: a construção da identidade de professoras afro-descendentes*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2001. (dissertação de mestrado)